

---

## Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro? Demografia, funções desempenhadas, veículos que as empregam e desafios interseccionais<sup>123</sup>

Ana Carolina VIMIEIRO<sup>4</sup>

Olívia PILAR<sup>5</sup>

Rafaela Cristina de SOUZA<sup>6</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Este artigo apresenta os resultados preliminares de survey aplicado com mulheres que atuam ou já atuaram na comunicação esportiva brasileira. O objetivo da pesquisa é traçar o perfil dessas mulheres para compreendermos as condições de acesso e permanência nesta área. Em diálogo com pesquisas desenvolvidas no Brasil (notadamente o estudo de Pacheco e Silva, 2020) e no exterior (com destaque para os trabalhos de Hardin e Shain, 2005, 2006), nossas perguntas buscaram compreender: informações demográficas (idade, situação civil, sexualidade, salário etc.), veículos que as empregam, funções desempenhadas, condições de trabalho, formas de discriminação e assédio, impressões sobre o setor e opressões interseccionais. Esta é a primeira experiência de pesquisa de perfil sobre as mulheres da comunicação esportiva no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulheres; comunicação esportiva; jornalismo esportivo; survey; opressões interseccionais

### INTRODUÇÃO

Uma pesquisa internacional comparativa apontou em 2011 que apenas 8% das notícias da imprensa esportiva são assinadas por mulheres. O mesmo levantamento, intitulado *The International Sports Press Survey*, também indicou que 85% da cobertura

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Este trabalho é resultado de projeto de pesquisa executado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Modalidade: Edital Fapemig 001/2021 - Demanda Universal. Título do projeto: Mulheres, esporte e mídia: análise das relações de gênero e das matrizes de dominação que demarcam a presença de mulheres no campo midiático esportivo. Duração: nov/2021 - nov/2024.

<sup>3</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMG. Coordenadora do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: [anacarolsco@gmail.com](mailto:anacarolsco@gmail.com)

<sup>5</sup> Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Integrante do Coletivo Marta. E-mail: [oliviapilar.pesquisa@gmail.com](mailto:oliviapilar.pesquisa@gmail.com).

<sup>6</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Jornalista. Integrante do Coletivo Marta. E-mail: [souzacrafaela@gmail.com](mailto:souzacrafaela@gmail.com).

---

esportiva foca em atletas de modalidades masculinas. O estudo, que foi liderado por pesquisadores da Universidade de Cologne na Alemanha, analisou a cobertura esportiva de 22 países, incluindo o Brasil.

Outras pesquisas nos fornecem retratos parecidos sobre a participação de mulheres no jornalismo esportivo, seja como autoras das notícias, como foco ou como fonte. O jornalista Paulo Vinícius Coelho, em seu livro *Jornalismo Esportivo*, de 2003, estima que apenas 10% dos profissionais atuando nas redações esportivas pelo país são mulheres. A Associação dos Cronistas Esportivos do Rio de Janeiro (ACERJ) contava, em janeiro de 2015, com 1045 sócios, sendo que desses 933 eram homens e 112 mulheres. Na Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo (ACEESP) e na Associação Mineira de Cronistas Esportivos (AMCE), os números não são muito diferentes: cerca de 300 dos 3000 associados da ACEESP (dados de 2015) e 101 dos 1540 jornalistas associados da AMCE (dados de 2013) são mulheres (Dantas, 2015). Stycer (2009) relata que durante o processo seletivo instituído para a criação do jornal carioca *Lance!*, em 1997, 10 mulheres compunham a equipe inicial de 95 profissionais.

Mulheres têm assumido mais postos no jornalismo esportivo televisivo, tão central para a cultura esportiva do país, mas sobretudo como repórteres de campo ou apresentadoras (Fiuza & Prado, 2018; Miranda & Silva, 2017). São poucas as mulheres narradoras ou comentaristas (e as exceções servem para confirmar o fato). Os relatos daquelas que atuam na área são alarmantes. O desrespeito é recorrente, tanto que, em 2018, 52 jornalistas que trabalham com esporte lançaram a campanha #DeixaElaTrabalhar que busca denunciar e lutar contra os assédios morais e sexuais sofridos por mulheres que atuam no jornalismo esportivo.

Existem alguns trabalhos que retomam o histórico da participação das mulheres na mídia esportiva brasileira. Nos anos 1940 e 1950 tivemos algumas pioneiras. Dantas (2015) relembra nomes como Maria Helena Rangel, que era atleta de arremesso de disco, e atuou como jornalista na *Gazeta Esportiva*, e Mary Zilda Grássia Sereno, pioneira do fotojornalismo e especialista na cobertura de partidas de futebol em São Paulo. Couto (2016) retoma o trabalho de Inah de Moraes e Florita Costa no carioca *Jornal dos Sports* na década de 1950. Na década de 1970, surge a pioneira *Rádio Mulher*, que tinha uma equipe composta exclusivamente por mulheres nos esportes, fazendo cobertura inclusive de futebol. Como conta Mattos e Zuculoto (2017),

Todas as funções eram exercidas por mulheres, desde as administrativas, como chefe de reportagem, discotecaria, motorista do carro de reportagem, técnica de som, entre outras. Claudete Troiano e Zuleide Ranieri revezavam as funções de narradora da partida e repórter de campo, os comentários ficavam a cargo de Leilah Silveira, as reportagens eram responsabilidade de Germana Garili e Jurema Iara, e Lilian Loy era a plantonista da equipe.

Na televisão, as mulheres passam a participar das coberturas esportivas a partir dos anos 1980. Monika Leitão e Isabela Scalabrini se destacam em particular na Rede Globo, com esta última sendo a primeira apresentadora mulher do *Globo Esporte*, com atuação aos sábados no programa diário esportivo da emissora (Dantas, 2015). Nos anos 1990, figuras como Mylena Ciribelli e Glenda Kozlowski se destacam na emissora carioca, aquela por ser a primeira mulher a apresentar o *Esporte Espetacular* e esta passa a comandar, a partir de 1998, a atração diária do veículo. Em 2007, Renata Fan se transforma na primeira mulher a comandar um programa esportivo televisivo no formato mesa-redonda.

Particularmente como comentaristas de futebol, função ainda hoje exercida por poucas mulheres como Ana Thais Mattos e Renata Mendonça (SporTV), Nadine Bastos (SBT) e Renata Ruel (ESPN), a pioneira parece ser Regiani Ritter, que participou da *Rádio Mulher* na década de 1980 e fez história ao participar do *Mesa Redonda Futebol Debate*, da TV Gazeta (Miranda & Silva, 2017).

Este artigo busca traçar um retrato contemporâneo da participação das mulheres no jornalismo esportivo. Muitos desses dados estão defasados ou são fruto de prognósticos não muito confiáveis, já que estão baseados nos números às vezes de um único veículo ou a partir da experiência de um único profissional. Além disso, a maioria desses estudos citados aqui na Introdução foram desenvolvidos no âmbito dos trabalhos de conclusão de curso da Comunicação/Jornalismo, o que não invalida a contribuição deles, mas entendemos que existem limitações de tempo e sofisticação das reflexões que estes são capazes de oferecer para a área. A partir de um diálogo com trabalhos recentes desenvolvidos no Brasil (Pacheco & Silva, 2020) e com a literatura internacional, particularmente aquela dos EUA onde o tema tem sido amplamente pesquisado nos últimos 20 anos, organizamos e aplicamos um survey com mulheres jornalistas

---

esportivas brasileiras. Nas seções seguintes, apresentamos alguns detalhes dessa literatura e, na sequência, introduzimos alguns dos dados de nossa pesquisa.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

Hardin e Shain (2005, 2006) desenvolveram no início dos anos 2000 uma ampla pesquisa que contou com survey e, na sequência, grupos focais com mulheres que atuavam no mercado estadunidense do jornalismo esportivo. No estudo dedicado a apresentar os dados do survey (2005), as autoras buscam explorar duas questões em detalhes: as razões pelas quais as mulheres têm carreiras curtas no jornalismo esportivo, já que dados da época apontavam que elas ficavam em média dez anos na área; e a relação entre a presença de mulheres no jornalismo esportivo e a cobertura das modalidades femininas.

Estudos anteriores, conduzidos pela Association for Women in Sports Media (AWSM), apontavam um nível amplo de satisfação geral com o emprego, mas uma significativa insatisfação com a falta de oportunidades para promoção dessas mulheres. Esses estudos, todos conduzidos através de questionários, foram feitos em 1995, 1998 e 2003. Os dados de 2003 apontam com mais clareza os pontos de satisfação e insatisfação (Smucker, Whisenant & Pedersen, 2003). No estudo, as profissionais foram questionadas sobre o nível de satisfação com seis itens: salário, oportunidades de promoção, chefia, colegas, natureza do trabalho e emprego atual no geral. Elas se mostraram satisfeitas em sua maioria com cinco dos seis itens, sendo que apenas a opção oportunidades de promoção indicou um nível de insatisfação significativo entre as respondentes.

Sobre a relação entre a presença de mulheres no jornalismo esportivo e a cobertura de modalidades esportivas, alguns estudos até então haviam explorado essa conexão. Cramer (1994), por exemplo, fez 19 entrevistas com mulheres jornalistas esportivas que viam a cobertura de modalidades femininas como forma de “estacionar” suas carreiras, já que os esportes de mulheres não gozavam de grande status. Essas mulheres também acreditavam que conforme mais mulheres ocupassem espaços nos departamentos esportivos, esse status iria aumentar. Hardin e Shain (2005) interpretam as respostas dessas mulheres como uma visão típica do feminismo liberal que acredita que o antídoto para a exclusão da cobertura de esportes femininos na mídia é a presença

---

de mulheres jornalistas. Outros estudos, que olham justamente para as reverberações na cobertura de mulheres nas editorias esportivas, indicavam resultados contraditórios. Uma análise de 1997 mostrava que departamentos esportivos com editoras mulheres publicavam uma quantidade ligeiramente maior de notícias de esportes femininos do que departamentos com editores homens (Shain, 1997). Outro estudo, de 2003, apontou que o gênero dos produtores fazia pouca diferença na quantidade de espaço dado aos esportes de mulheres (Pederson, Whisenant & Schneider, 2003). Àquela época, os autores afirmavam que “a masculinidade hegemônica é arraigada na mídia esportiva independentemente do gênero das pessoas tomando as decisões, escrevendo as notícias ou fazendo as fotografias” (p. 388).

A partir dessas considerações, Hardin e Shain (2005) desenham um survey que olha para a satisfação no trabalho, discriminação e assédio sexual, indo um passo a frente, segundo elas, tentando explorar as razões pelas quais essas mulheres, razoavelmente satisfeitas apesar da discriminação, decidem abandonar suas carreiras. Um total de 144 mulheres responderam ao survey e os dados são interessantes já que nos fornecem um panorama das mulheres jornalistas esportivas nos EUA no início dos anos 2000. Em termos demográficos, a maioria das respondentes trabalhava na mídia esportiva no momento em que respondeu ao questionário (92%); a maioria trabalhava na imprensa como repórteres (40%), revisoras (17%), editoras (9%) ou designers (2%), com uma minoria atuando em TV (9%) e relações públicas (8%); a idade média das respondentes era 31-40 anos, com 36% tendo 40 anos ou mais e 34% menos de 30; e a maioria respondeu que trabalhava exclusivamente com esporte masculino (54,6%).

Sobre satisfação com o emprego e assédio: 73% concordaram ou concordaram fortemente com a afirmação “Eu estou satisfeita com o meu trabalho atual” e 53% discordaram ou discordaram fortemente da afirmação “Eu nunca me senti sexualmente discriminada no meu trabalho atual”. Sobre abuso verbal e físico, 59% não vivenciaram abuso verbal no trabalho atual, enquanto 44% não vivenciaram ao longo da carreira. Os números de abuso físico são menores, ainda que as autoras indiquem que as respondentes tendem a responder mais positivamente com abusos ao longo da carreira do que no trabalho atual e que quanto mais tempo de carreira, maior a tendência das profissionais de reportar abuso verbal.

---

Sobre as razões para deixar a profissão, 72% das respondentes apontaram que já consideraram deixar suas carreiras. Entre as razões dadas para considerar a possibilidade, se destacam: horas de trabalho (31%), falta de oportunidades de promoção (15%) e salários (11%). Sobre os desafios para as mulheres na profissão: 85% afirmam que “a discriminação sexual é um problema para mulheres na mídia esportiva”, 87% acreditam que “as mulheres jornalistas têm um trabalho mais difícil que os homens jornalistas esportivos”; e 59% indicam que as “mulheres não são levadas a sério pelos torcedores como os homens jornalistas”.

Sobre os esportes femininos: 84% acreditam que eles não recebem ampla cobertura da mídia” e 44% afirmam que “como mulheres atuando na comunicação esportiva, sentem uma responsabilidade de dar aos esportes femininos mais visibilidade”.

Ao discutir os dados, Hardin e Shain (2005) chegam a um conjunto de conclusões elencadas ao final do artigo: (1) Embora as mulheres da mídia esportiva enfrentem os mesmos obstáculos à longevidade da carreira que relataram em outras pesquisas realizadas nas últimas duas décadas, elas geralmente estão satisfeitas com sua escolha de carreira; (2) As entrevistadas parecem aceitar a discriminação e o assédio como “padrão” – como algo que devem suportar enquanto cumprem seus deveres de trabalho; (3) As duas razões mais proeminentes para as mulheres deixarem as carreiras na mídia esportiva parecem ser a falta de oportunidades de promoção e as consequências negativas em suas vidas fora do trabalho; (4) Embora a maioria das mulheres na mídia esportiva veja desigualdades na cobertura de esportes femininos, elas não são uníssonas sobre sua obrigação de defender mais cobertura.

No cenário brasileiro, o trabalho recente de Leonardo Turchi Pacheco e Silvio Ricardo da Silva (2020) se destaca por envolver um conjunto amplo de entrevistas (38) e sete meses de observação participante com profissionais mulheres que atuam em Belo Horizonte. Os dois traçam o perfil/trajetória dessas entrevistadas, mapeiam os espaços ocupados, as possibilidades de progressão, os múltiplos constrangimentos e as táticas para lidar com eles. Sobre o perfil: a maioria é de Belo Horizonte (26), tem entre 30 e 40 anos (20), são solteiras (20), brancas (23), possuem formação com nível superior completo (34), sendo que a maioria estudou em universidades privadas (25). Ainda sobre as entrevistadas: a maioria está em TV (15), seguida por rádio (10), jornais (6) e

---

outras áreas (7) e das 38, no momento das entrevistas, 12 não trabalhavam ou tinham abandonado a área.

De acordo com os autores, a trajetória dessas profissionais é marcada pelo deslocamento, circulação e instabilidade no mercado de trabalho. Para elas, o circuito das empresas de comunicação esportiva em Belo Horizonte é restrito e, para os pesquisadores, há um padrão de entrada e permanência:

as mulheres geralmente se graduam em universidades privadas, onde puderam estagiar em meios de comunicação da própria universidade, e a entrada no mercado de trabalho se dá por estágio em um meio de comunicação - televisão, rádio e jornal -, entretanto, quando se encerra a experiência de estágio, são poucas as que são efetivamente contratadas. [...] Nesse momento de dificuldade de contratação, a circulação se intensifica e aqui se inicia um processo caracterizado pela sazonalidade e instabilidade do ofício, no qual elas fazem substituições de férias das profissionais contratadas. A essas substituições acrescentam-se, concomitantemente, os trabalhos como *freelancers*, assessoria de imprensa de clubes e/ou apresentação e/ou reportagem de canais dos clubes de futebol da cidade. Sem perspectiva de trabalho em Belo Horizonte, algumas apostam em deslocamentos para outros estados brasileiros. São Paulo e Rio de Janeiro são os centros mais procurados em busca de oportunidades no campo dos esportes. [...] Em muitos casos, há um afastamento do campo esportivo por um tempo e inicia-se a circulação em outras instituições que não necessariamente trabalham com esporte. Elas se tornam assessoras de políticos, instituições comerciais, de saúde, escolares, de *marketing*, entre outras. As que abandonam definitivamente a carreira revelam que decidiram fazê-lo para constituir família, para solucionar problemas de saúde familiar, pela pouca remuneração proveniente desse campo e por motivo de segurança de um emprego público. (Pacheco & Silva, 2020, p. 5)

A partir das narrativas dessas mulheres, dizem Pacheco e Silva (2020), emergem duas perspectivas sobre sucesso e insucesso: numa primeira, as entrevistadas declaram que agência individual, esforço e interesse pessoal tornam possível a presença dessas mulheres nesse espaço, negando de alguma maneira a categoria gênero como estruturante; uma segunda em que as mulheres apontam dificuldades e desafios que são enfrentados, independentemente da competência, esforço e interesse e são responsáveis por limitar a presença delas em um espaço considerado hostil por elas.

Um conjunto de entraves/constrangimentos é explorado em mais detalhes pela pesquisa a partir das percepções das entrevistadas. O primeiro deles é a já mencionada dificuldade de progressão na carreira. Para essas mulheres, elas precisam se esforçar mais que os colegas homens, que ascendem mais rapidamente e recebem melhores

---

salários. O segundo é a dimensão do poder disciplinar que atuam internamente, quando essas mulheres adentram esses espaços, criando noções do que é legítimo e o que não é legítimo que estas façam: a mesa-redonda, a cabine de transmissão e a chefia de editoria são espaços masculinos; já a reportagem e a “cozinha da redação” (produção e edição) são espaços possíveis. Quando transcendem os espaços permitidos, “pesa sobre essas mulheres suspeitas sobre suas habilidades e acusações de uso da sedução” (p. 7). Elas também têm a feminilidade questionada, a autoridade contestada e são referidas como “piranhas”, “megeras” e “bruxas” (Pacheco e Silva, 2020).

A opressão é vivenciada no cotidiano, sendo o espaço da redação intimidar para as mulheres. As entrevistadas relatam serem ignoradas nas sugestões de pauta, quando exprimem opiniões sobre o desempenho de jogadores e equipes e para cobrir determinados eventos, como jogos importantes e da seleção de futebol masculina. Essas mulheres relatam um comportamento agressivo de colegas e chefes, que inclui abuso verbal (gritos) e uso do humor para encobrir a misoginia (ironia). Também narram situações constrangedoras com técnicos e jogadores, com olhares reprovadores e risos. Os questionamentos, destacam Pacheco e Silva (2020), vêm frequentemente na forma de brincadeiras depreciativas e deboches.

Apesar da violência cotidiana, essas mulheres são reticentes em relatar flertes e assédios sexuais. Dizem que não sofreram e parecem naturalizar as cantadas como “brincadeirinhas comuns”. São abordadas com frequência, convidadas para jantar, recebem presentes. Assessores dos clubes pedem o telefone em nome de jogadores, interlocutores diversos oferecem carona e convites até para motel. Mas, dizem Pacheco e Silva (2020), “nada disso é percebido como assédio ou violência por algumas delas” (p. 8).

As entrevistadas são menos reticentes em denunciar assédio e violência quando esses vêm dos torcedores. De modo geral, a interação com a torcida é descrita por essas mulheres de forma tensa, com diversos casos de violência verbal e incidentes de assédio reportados na pesquisa. Essas mulheres, em sua maioria, não revelam abertamente seus times de coração por medo da violência de torcedores.

Nesse ambiente inóspito, essas mulheres encontraram algumas táticas para lidar com a violência, através do que chamam de “impor respeito” e do “jogo de cintura”. Tais táticas se dão de diferentes formas: controle e distância corporal; controle das



---

emoções; evitar relações de amizade e intimidade; e postura de quem conhece minuciosamente a área.

Ao final do trabalho, os autores concluem que essas mulheres se engajam ora em dinâmicas de cumplicidade e ora em dinâmicas de resistência, estas últimas menos presentes, já que as mulheres que denunciam certas situações ainda são vistas como vozes dissonantes e muito frágeis para realizar transformações significativas. Para os autores, muitas dessas mulheres são cúmplices dos discursos e práticas dominantes nesse campo na medida em que a cumplicidade pode trazer vantagens momentâneas para ocupar novos espaços, ascender na carreira e acumular poder, porém sem transformação das estruturas dominantes. Conforme explicam Pacheco e Silva (2020),

‘impor respeito’ e ‘jogo de cintura’, embora sejam estratégias de proteção e de possibilidade de transição e de posicionamento no campo, falham como ação de resistência e se tornam cumplicidades. Isso ocorre, pois, ao controlar os comportamentos e maneiras de se vestir, ao se distanciar afetiva e corporalmente e ao realizar malabarismos para manter e não aborrecer as fontes de informação, elas acatam e reconhecem como legítimas essas práticas e suas dinâmicas nessa esfera. (p. 11)

## RESULTADOS

Coletamos até o momento 127 respostas ao survey, que começou a ser aplicado digitalmente no dia 07 de maio de 2023 com o uso da plataforma Qualtrics. Utilizamos como estratégia amostral o método da bola de neve, uma vez que não sabemos de antemão a população a ser investigada. Utilizamos de contatos anteriores que possuímos com a área, no intuito de alcançar respondentes em todas as regiões do país. Do total de respondentes, que inclui mulheres que já trabalharam na área mas não atuam mais e mulheres que atuam em outros setores da comunicação esportiva que não o jornalismo esportivo, 7,5% atuam na região Norte, 21,5% no Nordeste, 3% no Centro-Oeste, 60% no Sudeste e 8,5% na região Sul. Sobre a idade, a maior parte de nossas respondentes têm entre 19 e 44 anos (93%) com uma porcentagem bastante reduzida de mulheres abaixo dos 19 (1%) e/ou acima dos 44 (6%).

Em termos raciais, a imensa maioria se identifica com a categoria branca (75,5%), com apenas 8% se declarando negras/pretas e 15% se declarando negras/pardas. Mais de 65% dessas mulheres se declara solteira, 81% afirma não

---

possuir filhos e 73% são heterossexuais, com outros 24% se declarando homossexuais e/ou bissexuais. Apenas uma mulher se declarou transgênero.

Em termos salariais, 22,5% recebem até um salário mínimo, o que inclui em grande medida mulheres que estagiam nessa área, e outras 16% recebem entre 5 e 10 salários mínimos. A maior parte trabalha com audiovisual (50%), com destaque para TV aberta, onde atuam cerca de 32% das mulheres. A principal função desempenhada pelas profissionais é a de repórter (34%), seguida pela de editora (24%).

Além das informações demográficas básicas e dos detalhes iniciais sobre veículo e função, fizemos um conjunto de perguntas às respondentes sobre as condições de trabalho, incluindo as oportunidades que têm tido na área, formas de discriminação e assédio, impressões sobre o setor e opressões interseccionais. Essas perguntas foram formuladas utilizando a escala Likert e foram feitas através de afirmações que as respondentes deviam concordar ou discordar. A escala tinha 5 níveis (discordo totalmente, discordo levemente, indiferente, concordo levemente e concordo totalmente).

A maior parte das profissionais que atuam no jornalismo esportivo atual está satisfeita com o seu trabalho. Cerca de 43% concordaram levemente com a afirmação “Eu estou satisfeita com o meu trabalho” e outros 29% concordaram totalmente. Sobre a visibilidade do esporte praticado por mulheres, 53% concordam levemente que os veículos para os quais trabalham têm iniciativas para aumentar a visibilidade e outros 16,5% concordam totalmente. Sobre oportunidades para homens e mulheres, 53% discordam levemente e/ou totalmente que os veículos proporcionam as mesmas oportunidades.

Procuramos entender situações de desconforto, discriminação e constrangimento que já foram vivenciadas por essas mulheres. 59,5% das mulheres concordaram levemente ou totalmente com a afirmação “Eu já recebi algum elogio que me deixou desconfortável no meu ambiente de trabalho”. 77% das respondentes concordaram levemente ou totalmente com a afirmação “Eu já tive minha capacidade profissional questionada no meu ambiente de trabalho”. Perguntamos sobre situações narradas na literatura, como questionamento da conduta sexual ao conseguir furo de reportagem, realocação para sub-editorias ou atividades menos prestigiadas e serem preteridas em tarefas de maior prestígio, como finais de campeonato. Nesses três casos, a afirmação

---

que teve mais concordância foi a última (preteridas em tarefas de maior prestígio por serem mulheres), com 43% concordando levemente ou totalmente e 45% discordando levemente ou totalmente (12% se disseram indiferentes). Uma das situações mais desconfortáveis que essas mulheres indicam vivenciar é “se sentirem constrangidas por piadas e comentários machistas”, com 79% das mulheres concordando levemente ou totalmente.

Também procuramos entender em mais detalhes quem são os algozes nas situações de constrangimento, discriminação e assédio. Procuramos diferenciar entre situações de constrangimento/discriminação e outras de agressão verbal/assédio, entendendo que apesar de serem formas de opressão que ocorrem no dia-a-dia, ainda assim se diferenciam pela gravidade. Em ambas, as mulheres apontam que é mais comum tais experiências com pessoas de fora do ambiente de trabalho, como fontes e torcedores, do que com colegas e chefes. Por exemplo, 73% das mulheres concordaram levemente ou totalmente com a afirmação “Eu já me senti constrangida e/ou fui discriminada sexualmente no exercício da profissão por alguém de fora do meu ambiente de trabalho (fontes ou torcedores, por exemplo)” enquanto 42,5% concordaram levemente ou totalmente com a afirmação “Eu já me senti constrangida e/ou fui discriminada sexualmente no exercício da profissão por alguém de dentro do meu ambiente de trabalho (colegas e chefes, por exemplo)”.

É interessante perceber que ao perguntarmos sobre situações que colegas dessas mulheres vivenciaram, as porcentagens que reconhecem as situações de constrangimento, discriminação, agressão verbal e assédio sexual aumentam significativamente em comparação com suas próprias experiências, alcançando em todos os casos perguntados (4) mais de 90% de concordância. Cerca de 98% das mulheres concordam levemente ou totalmente com a afirmação “Eu já presenciei ou me relataram situações em que alguma colega de trabalho foi constrangida por ser mulher no exercício da profissão”; cerca de 94% concordam levemente ou totalmente com a afirmação “Eu já presenciei ou me relataram situações em que alguma colega de trabalho sofreu algum tipo de discriminação sexual no exercício da profissão”; e 91,5% concordam levemente ou totalmente com as afirmações “Eu já presenciei ou me relataram situações em que alguma colega de trabalho sofreu algum tipo de agressão verbal no exercício da profissão” e “Eu já presenciei ou me relataram situações em que

---

alguma colega de trabalho sofreu algum tipo de assédio sexual no exercício da profissão”.

Sobre interseções de raça e sexualidade, essas mulheres também reconhecem as dificuldades específicas experienciadas. Mais de 93% das mulheres discordaram totalmente ou levemente da afirmação “Eu acredito que mulheres negras têm a mesma oportunidade no jornalismo esportivo que mulheres brancas” e outras 84,5% discordaram totalmente ou levemente da afirmação “Eu acredito que mulheres homossexuais têm as mesmas oportunidades no jornalismo esportivo que mulheres heterossexuais”.

Para entender melhor quais são as dificuldades que mulheres que não se encaixam no padrão heteronormativo precisam enfrentar no ambiente de trabalho, questionamos essas mulheres sobre situações específicas do dia-a-dia. A maioria relata não ter presenciado ou vivido formas de agressão verbal, por outro lado, afirmam ser comum presenciar formas de discriminação em função da sexualidade e constrangimentos por piadas e comentários homofóbicos. Sobre comportamentos vistos como apropriados para as formas de masculinidade e feminilidade hegemônicas, 84,5% dessas mulheres dizem já terem sido comparadas a homens por se interessarem por esportes. Sobre questões raciais, novamente, essas mulheres relatam o desconforto com piadas e comentários racistas, ainda que a maioria afirme não ter presenciado formas de discriminação racial e/ou agressão verbal de cunho racista.

Sobre preocupações com roupas, unhas e cabelos, os resultados apontam para ambientes de trabalho com algum nível de vigilância estética, mas também com alguma liberdade. Ainda que a maioria dessas mulheres afirme que precisa se preocupar com as roupas que utilizam no ambiente de trabalho (86%), principalmente quando vão fazer entrevistas presenciais com atletas e comissões técnicas (93%), elas relatam, por outro lado, não sentirem que precisam usar sapatos com salto (77%), estarem com unhas feitas (49%) e terem de alisar os cabelos (67,5%).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim como a pesquisa de Pacheco e Silva (2020), a maioria das nossas respondentes se identifica com a categoria branca (75,5% nosso x 60,5% deles), é solteira (65% nosso x 52,6% deles) e trabalha com audiovisual (50% nosso x 39,5%

---

deles). Diferentemente dos EUA dos anos 2000, as mulheres da comunicação esportiva brasileira parecem atuar em sua maioria na TV, principalmente como repórteres e editoras, funções que já eram apontadas nas duas pesquisas mencionadas aqui.

Assim como a pesquisa de Hardin e Shain (2005), nossas respondentes também se declararam satisfeitas no trabalho (72% nosso x 73% delas). Elas confirmaram as impressões de Pacheco e Silva (2020) sobre muitas vezes a violência vir disfarçada de brincadeira, já que as afirmações com mais concordância entre as situações desconfortáveis são sempre aquelas que se expressam através de piadas (machistas, homofóbicas e/ou racistas).

Para tentarmos capturar as violências que essas mulheres vivenciam mas às vezes naturalizam, perguntamos sobre situações que colegas delas experienciaram. Os achados parecem corroborar as observações de Pacheco e Silva (2020) sobre as dificuldades dessas mulheres de narrarem assédios e a violência vinda principalmente de colegas e fontes de informação de maior poder (jogadores e atletas). Também corroboram a impressão de Pacheco e Silva (2020) de que as mulheres são menos reticentes para denunciar o assédio de torcedores — talvez por serem mais explícitos e/ou elas não estarem em uma situação hierárquica desfavorável como com chefes e colegas.

Por fim, nosso estudo indica com clareza que a categoria gênero é insuficiente para compreender as experiências de mulheres jornalistas esportivas na medida em que a imensa maioria das respondentes (apesar de brancas) concordam que raça e sexualidade são dois marcadores que afetam as experiências profissionais neste contexto.

## REFERÊNCIAS

CRAMER, Judith A. et al. Conversations with women sports journalists. In: **Women, media and sport: challenging gender values.**, p. 159-180, 1994.

COUTO, A. A. G. **CRONISTAS ESPORTIVOS EM CAMPO: LETRAS, IMPRENSA E CULTURA NO JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)**. 346f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, 2016.

DANTAS, M. A. **Mulheres no jornalismo esportivo**. 99f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

---

FIUZA, Nathália Silva; PRADO, Denise Figueiredo Barros do. Mulher no telejornalismo esportivo: A construção de sentidos no programa Olhar espnW. In: VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR), 2018, São Paulo. Anais... São Paulo: SBPJOR, p. 1-16, 2018.

HARDIN, Marie; SHAIN, Stacie. Strength in numbers? The experiences and attitudes of women in sports media careers. **Journalism & Mass Communication Quarterly**, v. 82, n. 4, p. 804-819, 2005.

HARDIN, Marie; SHAIN, Stacie. “Feeling much smaller than you know you are”: The fragmented professional identity of female sports journalists. **Critical Studies in Media Communication**, v. 23, n. 4, p. 322-338, 2006.

INTERNATIONAL SPORTS PRESS SURVEY. First Results of the Internacional Sports Press Survey 2011. Prof. Dr. Thomas Horcky/Dr. Jörg-Uwe Nieland, Colônia, 3.10.2011.

MATTOS, E. T & ZUCULOTO, V. R. M. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017.

MIRANDA, H. C & SILVA, C. D. Nas linhas do Campo: A participação feminina em programas esportivos com comentaristas. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2017.

PACHECO, L. T.; SILVA, S. R. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020.

PEDERSEN, Paul M.; WHISENANT, Warren A.; SCHNEIDER, Ray G. Using a content analysis to examine the gendering of sports newspaper personnel and their coverage. **Journal of Sport Management**, v. 17, n. 4, p. 376-393, 2003.

SHAIN, Stacie Lynn. **Gatekeeping, gender differences and sports editors at six daily newspapers**. 1997. Tese de Doutorado. Indiana University.

SMUCKER, Michael K.; WHISENANT, Warren A.; PEDERSEN, Paul M. An investigation of job satisfaction and female sports journalists. **Sex roles**, v. 49, p. 401-407, 2003.

STYCER, Mauricio. **História do lance!** Rio de Janeiro: Alameda, 2009.